ESTADO DE MINAS

Publicado em 17/07/2024 - 05:55

BH volta a registrar casos de coqueluche

COQUELUCHE VOLTA A ATACAR

Depois de dois anos sem registro da doença em Belo Horizonte, capital contabiliza 27 casos, mais da metade das ocorrências em Minas. Cobertura vacinal é desafio

TOMAZ SILVA/AGÊNCIA BRASIL

COBERTURA VACINAL NA CAPITAL MINEIRA OSCILA ENTRE 75% E 85%, DIZ SECRETÁRIO MUNICIPAL DE SAÚDE

SÍLVIA PIRES

Depois de dois anos sem casos de coqueluche, doença respiratória que pode ser fatal especialmente para recém-nascidos, Belo Horizonte voltou a registrar ocorrências e já concentra 55% das confirmações em Minas Gerais. Em 2024, a capital mineira teve quase sete vezes mais casos da doença do que em 2021, segundo levantamento feito pelo **Estado de Minas** no Datasus, ferramenta do Ministério da Saúde. Considerada altamente contagiosa e com potencial de transmissão ainda maior que o da COVID-19, a coqueluche coloca o município em uma posição vulnerável em meio ao aumento dos casos em São Paulo e à baixa adesão à vacinação.

Transmitida pelo contato direto com uma pessoa doente, assim como a gripe ou a COVID-19, a coqueluche tende a se alastrar em épocas de clima ameno ou frio, como agora no inverno, semelhante a outras doenças respiratórias. Desde 2020, houve uma redução significativa no número de casos confirmados, associada à pandemia de COVID-19 e ao isolamento social.

Belo Horizonte manteve baixos índices de contaminação, com apenas quatro registros em 2021, e a doença aparentemente desapareceu. No entanto, entre janeiro e 16 de julho deste ano, a coqueluche ressurgiu, infectando 27 pessoas, mais da metade dos casos confirmados em Minas Gerais. Até então, o pior cenário da doença em BH foi em 2014 – último ano epidêmico da doença no país –, com 81 casos confirmados, conforme dados do Datasus.

70%

DOS CASOS DE COQUELUCHE EM MINAS NESTE ANO ENVOLVEM CRIANÇAS E JOVENS DE 10 A 19 ANOS

Neste ano, a coqueluche tem atacado mais crianças e adolescentes entre 10 e 19 anos, segundo o diretor de Promoção à Saúde e Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de BH, Paulo Roberto Corrêa. "Cerca de 70% dos casos aconteceram em pessoas dessa faixa etária. Isso é um quadro preocupante, porque estamos vendo uma crescente também em outras cidades", disse em entrevista ao **Estado de Minas**.

▶▶▶

"Mesmo que seja branda, a doença continua a ser transmitida e é muito perigosa para as crianças, especialmente os recém-nascidos"

Gerálvo Cunha Cury
Epidemiologista

O maior problema é que eles são os maiores transmissores, especialmente se não estiverem com a imunização em dia, para a população mais vulnerável: os bebês menores de 1 ano, principal faixa etária com maior risco de morte e de internação por essa doença. Muito abaixo da meta estabelecida pelo Ministério da Saúde, esperada em 95%, a cobertura vacinal da doença oscila, há anos, entre 75% e 85%, afirma o diretor da Secretaria Municipal de Saúde.

DISPARADA DE CASOS

Enquanto os olhos do país se voltam para a escalada de casos em São Paulo, que já soma 165 pacientes com coqueluche, os casos da doença em Minas Gerais já superam todos os registrados em 2023. Até o momento, o estado contabiliza 89 casos confirmados, um aumento de 250% frente aos 25 registrados no ano passado. Belo Horizonte, na Grande BH, é o segundo município com maior incidência, contabilizando oito casos confirmados. A coqueluche foi detectada nas regiões Sul, Central, Centro-Oeste e Vale do Aço, e a doença tem atingido, na maioria dos casos, crianças com menos de cinco anos.

Procurada pela reportagem, a Secretaria Estadual de Saúde de Minas Gerais (SES-MG) informou que, "diante do aumento de casos nos municípios, intensificou a vigilância para detectar e investigar casos suspeitos de coqueluche. "A Secretaria reitera, de todo modo, a recomendação para que todos mantenham a vacinação em dia e procurem os serviços de saúde locais", destacou em comunicado. A SES-MG também ampliou a campanha de vacinação para assegurar que todas as crianças sejam imunizadas.

O último surto epidêmico de coqueluche ocorreu em 2014, quando foram confirmados 8.604 casos no Brasil, segundo o Datasus. A época, Minas Gerais registrou 367 infectados. De lá pra cá, observou-se uma diminuição do número de casos confirmados: em 2023 foram 217 casos no Brasil e até julho de 2024 foram 115.

Os números são puxados especialmente por São Paulo (SP). A cidade tem 165 casos de coqueluche registrados no ano, o que representa um percentual de aumento muito próximo ao de Minas Gerais: 225% na comparação com o ano passado.

Desde junho, países da Europa e da Ásia registram aumento nos casos de coqueluche. O Centro Europeu de Prevenção e Controle das Doenças (ECDC) informa que pelo menos 14 países registraram aumento de infecções, como China, Estados Unidos e Israel, não em alerta para o problema.

O diagnóstico pode ser ignorado ou confundido com outras complicações respiratórias. Isso leva ao problema das subnotificações. Mesmo que seja branda, a doença continua a ser transmitida e é muito perigosa para as crianças, especialmente os recém-nascidos, ressalta o médico epidemiologista Geraldo Cunha Cury.

O especialista defende que a vacinação, hoje realizada em crianças menores de um ano, seja incluída no calendário de imunização. Isso ajuda a proteger os bebês e a evitar o contágio em crianças que ainda não foram completamente imunizadas. O esquema da vacina pentavalente, que imuniza, além da coqueluche, contra difteria, tétano, hepatite B, meningite e pneumonia, inclui ainda a hepatite B, e aplicado em três doses em bebês, aos 2, 4 e 6 meses.

Aos 15 meses e aos quatro anos de idade, são realizados reforços contra a doença com vacinas que incluem difteria, tétano e coqueluche, e a coqueluche. As doses estão disponíveis nos 152 centros de saúde de Belo Horizonte e demais municípios, como parte da rotina de vacinação do Sistema Único de Saúde (SUS).

ESTRATÉGIAS

Em junho, em resposta aos surtos de coqueluche, o Ministério da Saúde ainda recomendou a vacinação de gestantes, de 27 a 36 meses, em caráter temporário e excepcional. A nova diretriz amplia a recomendação da vacina tipo adulto, que protege contra difteria, tétano e coqueluche, para trabalhadores da saúde, mulheres em idade fértil, incluindo áreas de ginecologia e obstetrícia, parto e pós-parto imediato, UTIs, UCIs, berçários e pediatria.

Outra estratégia para controlar a doença, ainda em fase de estudo, é a vacinação das gestantes. "Elas passam a proteção para a criança e quando ela nasce já tem uma certa proteção até que a vacina seja aplicada", afirma o diretor de Promoção à Saúde e Vigilância Epidemiológica da Secretaria Municipal de Saúde de BH, Paulo Roberto Corrêa, reforçando que isso não dispensa a imunização infantil.

A principal forma de transmissão é por meio de saliva e secreções respiratórias que se a tosse ou espirro de uma pessoa infectada, exatamente como na gripe ou na COVID-19. Por isso, a recomendação do epidemiologista para frear o contágio é a mesma adotada na pandemia: lavar as mãos, usar álcool em gel e máscara. "Hoje, já não é possível diferenciar essas doenças apenas pelos sintomas. E preciso reforçar os cuidados, manter as medidas de isolamento e usar máscara. Aprendemos muito com a pandemia, a vigilância epidemiológica e ela continua sendo uma forma eficaz de barrar a transmissão de doenças respiratórias em geral", afirma Cury.

GUARDIÃO/DIVULGAÇÃO

DOSES DA VACINA ESTÃO DISPONÍVEIS NOS 152 CENTROS DE SAÚDE DE BELO HORIZONTE E DEMAIS MUNICÍPIOS, COMO PARTE DA ROTINA DE VACINAÇÃO DO SUS

FEBRE AMARELA

Uma amostra do vírus da febre amarela foi encontrado em um macaco no Bairro Sion, na Região Centro-Sul de BH. A informação foi confirmada pela Prefeitura de Belo Horizonte na manhã desta terça-feira (16/7). Como forma de prevenção, as equipes da Secretaria Municipal de Saúde fazem o monitoramento de cobertura vacinal em residências que estejam em um raio de cerca de 300 metros de onde o animal foi encontrado. De acordo com a PBH, os últimos registros de casos de febre amarela humana no município ocorreram em 2019, e nenhum deles foi casos importados da doença. Em 2024, até o momento, foram notificados três casos que, após investigação, foram descartados para a doença.

A DOENÇA

Também conhecida como tosse comprida, a coqueluche é uma infecção respiratória cuja principal característica são crises de tosse seca, mas a doença pode atingir também a traqueia e os brônquios.

SINTOMAS

- Causados pela bactéria Bordetella Pertussis, são frequentemente mais brandos em adultos.

NO GERAL, SÃO:

- Coriza
- Tosse leve
- Febre baixa

EM CASOS MAIS GRAVES:

- Crises intensas de tosse
- Perda de fôlego
- Lábios e rosto arroxeados
- Sonolência
- Convulsões
- Óbito

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Estado de Minas - Belo Horizonte/MG

Seção: Gerais **Pagina:** 34 e 35

Copyright © Clipclap 2025.